



**INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE**

**IDENTIDADE CULTURAL E PERTENCIMENTO:  
um estudo da obra AMERICANAH, de Chimamanda Ngozi Adichie a partir da  
crítica pós-colonial**

**ÉRICA SILVA DE SOUZA**

**GABRIELA TAVARES CANDIDO DA SILVA**

**CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ  
DEZEMBRO - 2017**

**IDENTIDADE CULTURAL E PERTENCIMENTO:  
um estudo da obra AMERICANAH, de Chimamanda Ngozi Adichie a partir da  
crítica pós-colonial**

ÉRICA SILVA DE SOUZA

GABRIELA TAVARES CANDIDO DA SILVA

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em  
Literatura, Memória Cultural e Sociedade do  
Instituto Federal Fluminense, como parte das  
exigências para a obtenção do título de  
Especialista.**

**Orientador Prof. Ms.: Adriano Moura**

CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ

DEZEMBRO - 2017

**IDENTIDADE CULTURAL E PERTENCIMENTO:  
um estudo da obra AMERICANAH, de Chimamanda Ngozi Adichie a partir da  
crítica pós-colonial**

ÉRICA SILVA DE SOUZA

GABRIELA TAVARES CANDIDO DA SILVA

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em  
Literatura, Memória Cultural e Sociedade do  
Instituto Federal Fluminense, como parte das  
exigências para a obtenção do título de  
Especialista.**

APROVADO: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Professora Mestra Ângela da Silva Gomes Poz  
Examinadora  
Instituto Federal Fluminense

---

Professor Sérgio Rangel Risso  
Examinador  
Instituto Federal Fluminense

---

Professor Adriano Carlos Moura  
Orientador  
Instituto Federal Fluminense

# **IDENTIDADE CULTURAL E PERTENCIMENTO: um estudo da obra AMERICANAH, de Chimamanda Ngozi Adichie a partir da crítica pós-colonial**

## **Resumo**

No presente artigo, procurar-se-á analisar como um sujeito social (mulher), imigrante e negra se identifica socialmente no intercuro entre culturas, ou seja, no limiar entre duas nações (Nigéria e Estados Unidos), construindo e reconstruindo a si mesma, por meio de seus signos culturais (costumes e práticas sociais) e linguísticos (relação com a linguagem em igbo e inglês). Em outras palavras, como a ideia de identidade cultural e o pertencimento de uma imigrante negra se constroem e se posicionam no 'entrelugar', tendo como viés de temporalidade o pós-colonialismo e a transnacionalização.

**Palavras-chave:** identidade cultural; pertencimento; racismo; pós-colonialismo; transnacionalidade.

## **Abstract**

In this article it will analyze as a social subject (woman), an immigrant and black identifies himself socially in intercourse between cultures, in other words, (Nigeria and United States), building and rebuilding itself, by means of their cultural signs (customs and social practices) and linguistic (relationship with the igbo language and english). In other words, as the idea of cultural identity and belonging to a black immigrant build themselves and are positioned in 'commonplace', having as a bias of the temporality of the postcolonialism and the transnationalization.

**Key-words:** cultural identity; belonging; racism; postcolonialism; transnationality.

## Introdução

A identidade cultural de um sujeito está sobretudo impressa na conduta social. Todo o conjunto de práticas sociais, comportamento, língua, traços memorialísticos e a forma como o sujeito se apresenta socialmente, testifica o que ele é, quem ele é e de onde ele é. A cultura de um povo, o lugar de onde este vem, a língua materna que se recorre nos momentos mais íntimos, a música que é escutada, a culinária que se experimenta, entre tantas outras representações coletivas, evidenciam a forte presença da cultura que se carrega onde quer que se esteja. É possível sair do local de origem por anos, se aculturar e até sofrer o processo de hibridização cultural (no sentido de se passar por interferências de variadas expressões culturais e de formas de organização coletivas) que ainda assim as origens estarão impressas no contexto social; origens essas que dizem muito da relação do sujeito com o espaço, com o outro e consigo mesmo.

No presente artigo procurar-se-á analisar como um sujeito social, mulher, imigrante e negra, se identifica socialmente no intercurso entre culturas, ou seja, no limiar entre duas nações (Nigéria e Estados Unidos), construindo e reconstruindo a si mesma, por meio de seus signos culturais (costumes e práticas sociais) e linguísticos (relação com a linguagem em igbo e inglês). Em outras palavras, como a ideia de identidade cultural e o pertencimento de uma imigrante negra se constroem e se posicionam no *entrelugar*.

A cor negra, o cabelo afro, a corporeidade da mulher negra, que Ifemelu, protagonista do romance *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie, assume na obra e, acima de tudo, a mulher e estudante de Comunicação que a mesma defende, permitem pensar que a inserção em outra cultura faz com que o trânsito social entre passado e presente seja reconstruído a partir de um novo olhar; o olhar do sujeito em movimento, do sujeito observador e participante, simultaneamente, do sujeito em plena construção de si e de seu discurso. Ou seja, a identidade cultural que se carrega pode até não definir o indivíduo como um todo, mas diz muito acerca dele. E nesse sentido, os aspectos identitários se não definem integralmente, abarcam muito bem o grau de pertencimento que se tem com a história e com a tradição; elementos esses que se entrecruzam, paulatinamente, a partir da confluência entre culturas. Pretende-se pensar então se identidade cultural e a relação de pertencimento, no limiar cultural, se reafirmam ou se modificam.

É notório que a escrita de autoria feminina vem ganhando cada vez mais visibilidade no universo da literatura. De Simone de Beauvoir a Clarice Lispector. De Maria Firmina dos Reis a Carolina Maria de Jesus. De Conceição Evaristo a Elisa Lucinda. De Toni Morrison – a única mulher negra a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura – a Chimamanda Ngozi. A gama de assuntos abordados por essas escritoras revela como a escrita não está intrinsicamente ligada ao gênero, mas às motivações pessoais (memorialística, por exemplo), ideológicas ou políticas dessas mulheres que procuraram escrever sobre seu tempo e deixar suas contribuições. Chimamanda Ngozi Adichie procurou narrar as dificuldades de uma jovem nigeriana que se muda da Nigéria para os Estados Unidos em busca de uma formação universitária, tendo em vista a ideia de que o território norte-americano representa “o lugar das oportunidades”. O estudo investiga como a ideia de identidade cultural e de pertencimento levada na bagagem da Nigéria aos Estados Unidos aparecem e são discutidos na obra *Americanah* (2014).

Igualmente, destaca-se a importância de Chimamanda Ngozi no espaço literário e nos diversos meios de comunicação (mídias sociais tais como *Youtube*, *Facebook*, blogs, livrarias virtuais) dado seu engajamento na política social, por meio da ficção, além de suas entrevistas em defesa dos direitos humanos. A escritora também ganhou espaço na indústria cultural por meio da música. Seu discurso feminista ganhou nova dimensão ao ser incorporado na canção *Flawless*, traduzido como *Perfeita*, da cantora afro-americana Beyoncé Knowles, que evoca uma nova revolução do movimento feminista no campo das ideias, e, por conseguinte, na vida prática; uma questão de relevância intelectual e social que também está selada na obra *Americanah*. Porém devido à delimitação do tema deste artigo, a argumentação se concentrará no desvelamento das questões de identidade cultural e pertencimento.

A maneira como a escritora se compromete ao estabelecer um pacto com o leitor, em denunciar a exclusão social, o racismo, em compartilhar os entraves e algumas dificuldades em ser mulher, negra, do cabelo crespo e do continente africano, em um país que conota supremacia da elite branca, católica, burguesa e que não valoriza o multiculturalismo, a inclusão e a diferença de se pensar democracia em termos mais amplos e horizontais, foram razões claras para que a obra fosse escolhida como corpus literário de pesquisa. Pensar literatura é, entre inúmeras tarefas, refletir sobre passado e presente; é buscar por um conhecimento crítico nas histórias coletivas e, se possível, fazer do campo literário um combustível na luta pelos direitos universais e contra a discriminação.

Para constituir o aporte teórico deste trabalho, optou-se pela metodologia de natureza qualitativa de revisão bibliográfica (GOLDENBERG, 1997). Algumas obras que dialogam com os campos da Sociologia e da Filosofia, tais como *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*, de Zygmunt Bauman (2005); *Pele negra, máscaras brancas*, de Frantz Fanon (2008); *Who needs identity* (1996) e *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), ambas de Stuart Hall serão revisitadas. Ou seja, metodologicamente, o estudo será interdisciplinar.

Identidade e pertencimento serão conceitos analisados a partir das teorias de Stuart Hall (2005). Seus estudos permitem afirmar que os grupos sociais são os portadores dessa construção que ora resiste, ora se ressignifica, em um jogo de tradição e renovação que muito se vem discutindo nas ciências sociais, além dos incontáveis conflitos culturais que tem modelado a arquitetura social; bem como pensar o sentimento de pertencimento a partir da relação dos indivíduos com o espaço cultural.

Os conceitos de *dissemiNação* e *transnacionalidade* de Homi K. Bhabha (1990) contrapõem à ideia de ‘identidade nacional’ imperialista, fechada e estável. Servirão de sustentação para a análise do caráter heterogêneo das nações contemporâneas – a chamada ‘identidade cultural performativa’: aquela que entende a identidade cultural como um caminho de mão dupla; ou seja, pensando o tempo e o espaço a partir das margens, dos movimentos que acontecem pelo conflito, pela diferença cultural, pelas representações heterogêneas.

A obra *Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural: a literatura de Wole Soyinka*, de Eliana Lourenço de Lima Reis (2011) será utilizada a fim de pensar a chamada literatura pós-colonial em tempos de miscigenação cultural. A doutora em Estudos Literários da UFMG imerge na obra do escritor, ensaísta, poeta e dramaturgo africano W. Soyinka com o intuito de pensar não apenas o antagonismo mundo ocidental x mundo africano, em termos literários e socioculturais. Seu interesse nessa

pesquisa parece ser o de compreender o limiar cultural, as fronteiras sociais, o chamado *entrelugar* – lugar onde a identidade nacional se dissipa pelo conflito, pela diferença e pelo contato.

Por conseguinte, segmenta-se este trabalho em três partes: a primeira abordará o choque cultural e identitário da personagem Ifemelu, no trânsito com uma nova cultura. A segunda parte delineará as diferenças apresentadas no discurso, entre o branco e negro, com destaque para as situações e sentimentos vivenciados pela personagem. A terceira e última parte constituirá em uma análise da obra *Americanah* a partir da relação da personagem principal na coletividade, a fim de buscarmos uma compreensão acerca de como uma identidade híbrida é construída na obra, a partir de Homi Bhabha e Eliane Reis, perpassando pela discussão de pertencimento e racismo no ocidente, tendo como elemento de marcação temporal o *pós-colonialismo*.

## **Americanah**

*Americanah*, uma obra nomeada como uma das melhores do ano de 2013 pela *New York Times Review* foi escrita pela nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, na qual seus discursos propagaram rapidamente pela internet, sobretudo suas palavras ganharam referência na música da cantora afroamericana Beyoncé. Sua publicação no Brasil foi pela editora Companhia das Letras. A obra interpela assuntos sociais atuais, como: imperialismo, feminismo, raça e se constitui, como, uma obra de diversas reflexões.

Ifemelu é a protagonista principal, uma nigeriana que sai do seu país e vai morar nos Estados Unidos, o local no qual conhecerá a concepção de raças. O romance começa com a determinação de Ifemelu de querer retornar para a Nigéria depois de dez anos nos Estados Unidos; ela retorna e mostra sua história desde criança até o momento após ao seu retorno; além de apresentar Obinze, um namorado da adolescência. Existem duas experiências distintas: culturas diferentes e um choque racial de um país dito “desenvolvido”.

Ifemelu somente se descobre como negra quando pisa em um país em que a cor da pele é vista de forma irregular aos padrões de uma cultura racista. Antes do choque cultural, Ifemelu era como seus amigos, – uma nigeriana, descendente de uma cultura intrinsecamente ligada à religião e de uma política instável –. Ifemelu refaz sua vida acadêmica nos Estados Unidos, mas descobre que tentar uma nova condição de vida não seria fácil.

Nos Estados Unidos é a raça que ganha prevalência, o racismo pode ter sido abolido de forma objetiva, mas não subjetiva. As práticas demonstram que brancos impõe o seu suposto poder em outras raças, e uma batalha por classificações raciais aumenta, principalmente em relação aos que estão inseridos em uma camada mais baixa. Ifemelu não é filha da escravidão como outros negros americanos, não presenciou o mesmo racismo da mesma forma que eles, mas não quer dizer que ela seja protegida pelo sistema. A personagem também vivencia as dores de ser negra dentro de um país de racismo subjacente e encara situações diversas para conservar-se e é direcionada a conhecer impasses que não eram polemizados na Nigéria.

A história de Ifemelu possibilita reflexões críticas e apaixonadas, pois a personagem tem a convicção de que apesar de todos os infortúnios que vivenciou devido a sua cor e seu gênero obteve sucesso no universo acadêmico e da Comunicação Social, por meio

de seu blog. Sua trajetória não foi simples e trouxe contrastes não somente entre a Nigéria da década de 90, mas entre a Nigéria e os Estados Unidos da atualidade.

Ao ler *Americanah* há um permanente exercício de empatia e é importante pensar a cultura ocidental que molda as práticas sociais e coletivas ao passo que vende o conceito de igualdade e progresso, por outro lado.

*Americanah* é um romance esplêndido e permite um entusiasmo de um livro completo. Combina reflexão, entretenimento e crítica social; além de desenvolver personagens distintos inseridos em diversas situações. A personagem Ifemelu representa muitas questões complexas que estão sendo abordadas no século XXI; bem como infere sobre o movimento negro e suas pautas, sobre o feminismo e suas lutas e demandas, mas acima de tudo conota sobre liberdade de expressão e respeito às diferenças. Em síntese: o livro gera discussões indispensáveis à contemporaneidade.

## 1. Americana x africana: relação de distinção

A obra de Chimamanda Ngozi Adichie *Americanah* é narrada de forma que passa pelos espaços centrais (Nigéria e Estados Unidos) com a personagem Ifemelu, que busca refazer sua vida na América devido ao declínio e péssimas condições sociopolíticas da Nigéria.

Ifemelu, negra, mulher e africana, torna-se subjugada e inferiorizada por diversos instantes na narrativa, inclusive a partir do ponto de vista linguístico. Há uma imposição pelos estadunidenses para que não seja usado o seu sotaque inglês-nigeriano, visto que o inglês da Nigéria é facilmente notado por seus traços culturais, sendo uma língua híbrida, correspondente às dessemelhantes etnias. “Americanah!”, brincava Ranyinudo, personagem amiga da protagonista. “Você está vendo as coisas com olhos de americano. Mas o problema é que nem é uma americanah de verdade. Se pelo menos tivesse um sotaque americano, a gente aturaria as reclamações!” (ADICHIE, 2013, p.417).

Na ocasião em que há um modo de imposição de uma cultura de ideologia diferente acontece um processo de desconstrução responsável pela ressignificação da identidade. Em *O Local da Cultura* (1988), Bhabha discorre sobre a construção e desconstrução de identidade e afirma que o discurso produzido pelo colonialismo europeu é pejorativo, traçando um perfil do colonizado como degenerado e de cultura subalterna. A personagem Ifemelu é oriunda de uma nação que sofreu com o colonialismo explorador. Portanto, sente as dificuldades enfrentadas por falar um inglês com sotaque nigeriano e como alternativa à repressão do preconceito linguístico, a personagem se submete a treinar um sotaque americano conforme se pode observar no fragmento transcrito abaixo:

E Ifemelu entendeu que a menina estava falando desse jeito por causa dela, de seu sotaque, e durante um instante sentiu-se como uma criança pequena, de braços e pernas moles, babando. “Eu falo inglês”, disse Ifemelu. “Aposto que fala”, disse Cristina Tomas. “Só não sei se fala bem.” (...) Falava inglês



desde pequena, fora capitã de equipe de debate no ensino médio e sempre achara a pronúncia anasalada dos americanos um pouco rudimentar; não deveria ter se acovardado e encolhido, mas o fez. E, nas semanas seguintes, conforme o frio do outono ia seguindo, começou a treinar um sotaque americano (ADICHIE, 2013, p.147).

A partir dessa repressão linguística, ao direcionar-se à Universidade de Baltimore para buscar a documentação necessária a fim de dar início aos seus estudos, Ifemelu tem um choque cultural e é impulsionada a um desejo de retorno à sua pátria. “A Nigéria passou a ser o lugar onde Ifemelu deveria estar, o único lugar onde poderia fincar suas raízes sem sentir a vontade constante de arrancá-las de novo e sacudir a terra” (ADICHIE, 2013, p.13).

### **1.1 Linguagem: habilidade de falar e existir para o outro**

A mímica é usada por outra cultura como forma de garantia do poder. Para que se torne legítima, a maneira mais eficiente é impor-se culturalmente ao outro com o intuito de provar sua suposta superioridade. Ao se introduzir em outra cultura, Ifemelu, como subalterna, tem que se transformar em uma imitadora de valores culturais e sociais de outro país. Sobre esse tipo de comportamento Bhabha escreve:

A mímica surge como objeto de representação de uma diferença que é ela mesma um processo de recusa. A mímica é assim o signo de uma articulação dupla, uma estratégia complexa de reforma, regulação e disciplina que se “apropria” do Outro ao vislumbrar o poder. (BHABHA, 1998, p. 130).

Para Bhabha a mímica é um dos procedimentos mais astuciosos e eficientes do saber colonial, pois se exhibe ao outro como inspiração para cópia, imitação e consequentemente incorpora a outra cultura como subalterna. Há infiltrações de informações na mente de Ifemelu para acreditar, de fato, que seus traços culturais devem ser notados através da linguagem. Isso pode ser observado em uma fala de uma de suas amigas:

Ela vai voltar uma tremenda americanah, que nem a Bisi, disse Ranyinudo. Todas urraram de rir com a palavra americanah enfiada de alegria com sua quinta sílaba estendida, e ao pensar em Bisi, uma menina um ano abaixo delas que voltara de uma breve viagem aos Estados Unidos com estranhas afetações, fingindo que não entendia mais ioruba e acrescentando um erre arrastado a todas as palavras em inglês que falava. (ADICHIE, 2014, p. 74).

A permissão para a epidermização inferior ou criação psicoexistencial no negro se dá por um poder ético-político da linguagem, ou seja, a fala é uma existência para o outro, refere-se ao outro que é branco e outro que é negro. Porém, subtende-se que há uma linguagem hierarquizada e diferenciada que se torna uma fissura psicossocial e a existência e identidade do negro se estabelece de uma forma dolorosa e dilacerada em meio a uma cultura branca colonizadora. No entanto, essa fissura

silenciada é um solipsismo, uma dor sobre si que resulta uma negação de pele e rejeição de sua negridão. Tudo o que for considerado desviante, antiestético e patogênico, que contamina a linguagem e tem a obrigação de ser puro resultam na negação do negro, em sua essência, e traz para si, forçadamente, uma ideologia branca.

A cultura colonial que impõe essa condição psicoexistencial do negro através da oralidade nitidamente associa as formas de condições negras na cultura, ou seja, têm-se inúmeras formas de comunicação e vários grupos exercem funções distintas que podem influenciar um ao outro através de aspectos corporais e polissêmicos da própria linguagem. A oralidade pode ser compreendida de forma condensada e dinâmica através dos acontecimentos e experiências vividas e essa performance se aproxima daquilo que entendemos por cultura. Cultura esta que aparece na maneira de falar e de copiar as gírias norte-americanas, na tentativa de alcançar uma cultura dominante, como se verifica no fragmento abaixo:

As conversas eram barulhentas e rápidas, em francês, wolof ou mandingo, e quando elas falavam inglês com os clientes era um inglês engraçado e cheio de erros, como se não tivessem se acostumado bem com a língua antes de assumir as gírias dos americanos. As palavras saíam pela metade. Certa vez, na Filadélfia, uma cabeleireira guineana dissera a Ifemelu: ‘Ô tarra, tip si, mutput’. Ela precisou repetir várias vezes antes que Ifemelu compreendesse que queria dizer: ‘Eu tava, tipo assim, muito puta’. (ADICHIE, 2014, p. 11).

Para a perspectiva colonial é essencial a eliminação da polissemia, que produz as diferenças e rejeições impostas sob a linguagem. Frantz Fanon, em *Pele negra máscaras brancas* (2008), afirma que o assujeitamento racista se estabelece na linguagem e a perspectiva intrínseca entre a colonialidade e a linguagem se analisa por uma representação que infantiliza e incapacita o nível de articulação e compreensão do negro para o branco (FANON, 1983).

Um negro comporta-se diferentemente com o branco e com outro negro. Não há dúvida de que esta cissiparidade é uma consequência direta da aventura colonial... E ninguém pensa em contestar que ela alimenta sua veia principal no coração das diversas teorias que fizeram do negro o meio do caminho no desenvolvimento do macaco até o homem. São evidências objetivas que dão conta da realidade. (FANON, 1983, p. 33).

O autor também cita a questão da cultura e linguagem como decisiva quando se trata de uma filosófica temática da diferença e da identidade, ou seja: fixar uma essência é construir uma identidade ou esta essência pode ser uma forma estratégica de uma política pedagógica?

Na linguagem está a promessa do reconhecimento; dominar a linguagem, um certo idioma, é assumir a identidade da cultura. Esta promessa não se cumpre, todavia, quando vivenciada pelos negros. Mesmo quando o idioma é “dominado”, resulta a ilegitimidade. Muitos negros acreditam neste fracasso de legitimidade e declaram uma guerra maciça contra a negritude. (FANON, 1983, p. 15).

A questão da língua é importante ao negro que foi colonizado pelo branco, que faz do negro um objeto de discurso autorreferencial que é capaz de criar um novo mundo através de sua existência e palavra. O negro tem a total habilidade de falar e existir para o outro, mas o problema não se situa na linguagem e sim no nível da língua, pois este se torna objetivado quando toma a sua palavra e não consegue se posicionar sem a referência do monolinguismo do outro. O negro foi condenado a não ser dono de sua própria língua e de não poder traçar a característica estrangeira em sua pronúncia. O discurso, para Fanon, em sua dimensão, sublinha a fisiologia de uma língua e exige a pele negra dos que foram colonizados.

A partir desses paradigmas de linguagem e identidade de toda população pergunta-se: Como o corpo negro ainda permanece em sua sociedade que ainda o invisibiliza? Que tipo de linguagem é expressa por tal corpo? Deve-se atentar que tanto o corpo, quanto texto se constroem a partir do que é compreendido e dito sobre eles. Segundo Hall (2013, p.6) é possível ver o corpo em forma de texto, texto que poder ser lido e interpretado da forma que queremos.

Ao expressar a linguagem do corpo, se traz as normalizações e conceituações impostas pela cultura. A corporeidade negra leva as marcas dos discursos vigentes em um olhar de discriminação, dominação e opressão. A cor da pele e o cabelo não caracterizam culturas ou grupos de pessoas, mas há um sinônimo de preconceito e ancestralidade imposta à população negra ou mestiça. Pode-se observar esse preconceito relatado por Ginika, amiga de escola de Ifemelu:

Mas, então, eu estava contando sobre como era lá na Nigéria e sobre como todos os meninos ficavam atrás de mim porque eu era mestiça, e elas disseram que eu estava me insultando. Por isso agora digo que sou birracial e devo me sentir ofendida quando alguém fala em mestiça. Eu conheci muita gente aqui cuja mãe é branca e eles são tão cheios de problemas, ê. Eu não sabia nem que deveria ter problemas até vir para os Estados Unidos. Sinceramente, se alguém quiser criar filhos birraciais, é melhor fazer isso na Nigéria. (ADICHIE, 2014, p. 105).

Os discursos discriminatórios começaram a partir de características físicas e atitudes sobre o corpo negro. A raça, conforme Hall (2013, p.1), “é um significante flutuante, um componente discursivo”. Os negros tiveram sua cidadania desprovida durante séculos, foram abandonados pós-abolição pelo poder público e a raça foi constituída como causa de todas as mazelas na sociedade. O autor ainda afirma que “como elemento discursivo, a raça é uma construção social, que só aparece nos corpos pela distinção da diferença”.

O jogo da diferença intrinsecamente hibridizada nas identidades diaspóricas, pois, o paradoxo se desfaz quando se entende que a identidade é um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada. (HALL, 2003, p.15).

A incorporação de estereótipos defendidos injustamente e os preconceitos apresentados desde a era colonial mantêm a informação de que o negro tem a intelectualidade inferior e a obrigação de fazer trabalhos extenuantes, manuais ou os

piores cargos marcam até hoje a corporeidade negra através desta estigmatização de imagem e Ifemelu, em diálogo com Aisha (cabeleireira senegalesa) se reconhece superior por possuir uma formação em universidade.

Moro em Princeton. ‘Princeton.’ Aisha ficou em silêncio por um segundo. ‘Você é estudante?’ ‘Eu tinha uma bolsa até pouco tempo atrás’, disse Ifemelu, sabendo que Aisha não ia saber o que era uma bolsa. Naquele raro momento em que a mulher pareceu intimidada, Ifemelu sentiu um prazer perverso. Sim, Princeton. (ADICHIE, 2014, p. 17).

As atitudes e movimentações corporais transmitidas pela linguagem trazem uma ancestralidade corporal realizada por antepassados resistentes às imposições enquadradas pela sociedade. O corpo é um espaço de significação internalizado que constitui a nossa relação com o mundo além de ser um canal que nos diferencia do outro e através dele somos julgados, observados e nos tornamos uma estrutura de conceitos sobre a diferença. A cultura negra ainda permanece folclorizada e vítima de preconceito devido a uma hierarquia de cunho cultural que sobrevive através de uma supremacia branca com seus olhares etnocêntricos.

No momento compreendi duas coisas: identificava meus inimigos e provocava escândalos (...). Tendo o campo de batalha sido delimitado, entrei na luta (...). Queria ser homem, nada mais que um homem. Alguns me associavam aos meus ancestrais escravizados, linchados: decidi assumir (...). De um homem exige-se uma conduta de homem, de mim, uma conduta de homem negro – ou pelo menos uma conduta de preto. Eu acenava para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo (FANON, 2008, p.106/107).

Os embaraços pelos quais Ifemelu passou por ser negra, migrante e mulher são nitidamente observados em seu discurso: “Eu sou de um país onde raça não é um problema; eu não pensava em mim mesma como negra e só me tornei negra quando vim para os Estados Unidos.” (ADICHIE, 2014, p. 315). As diferenças entre a Nigéria e os Estados Unidos no que diz respeito às indagações sociais ou raciais é desconfortável para quem não ficou livre do preconceito até mesmo na hora de buscar uma recolocação no mercado de trabalho. Por ser formada em Geologia, na Nigéria, Ifemelu foi alvo das diferenças.

Toda vez que Ifemelu ia a uma entrevista de emprego ou ligava para algum lugar para falar de uma vaga, dizia a si mesma que aquele, finalmente, seria seu dia: dessa vez o emprego de garçom, hostess ou babá seria o seu, mas ao mesmo instante em que desejava sorte, sentia uma sombra cada vez maior num canto de sua mente. [...] Ifemelu escreveu e reescreveu seu currículo, inventou que já trabalhara de garçom em Lagos, colocou Ginika como uma empregadora de cujos filhos já tinha cuidado [...] dava sorrisos calorosos e apertos de mão firmes, tudo o que era sugerido no livro que lera sobre como fazer entrevistas de emprego nos Estados Unidos. Mas não surgia nem um emprego. (ADICHIE, 2014, p. 159).

Apesar de vivenciar a opressão na pele e a soberania de uma cultura que se considera hegemônica, Ifemelu mostrou um aspecto de resistência no momento que deixou de falar com algum sotaque norte-americano: “decidiu parar de fingir que tinha sotaque americano [...] numa semana após a mudança, Ifemelu se sentira pisando nas nuvens, coberta de bem-estar.” (ADICHIE, 2014, p. 328). Os textos que Ifemelu escrevia em seu blog lhe deram condições financeiras e avanço discursivo para que se tornasse uma palestrante nas universidades. Deixou de ter um discurso inferior e resgatou a originalidade do sujeito não subalterno com o poder da linguagem.

## 2. Identidade e Pertencimento no Pós-Colonialismo

A noção de coletividade, vivências coletivas, interações sociais entre indivíduos são algumas das querelas que perpassam os estudos durkheimianos, que estão intrinsecamente mergulhadas no cerne de seu estudo sociológico: o fato social. Para Durkheim (1895) as representações coletivas são expressões desse fato social; ou seja, são as representações de como a sociedade vê a si mesma. O caráter coletivo que está por trás de toda e qualquer interação social se relaciona ao caráter estável que as representações coletivas conferem às representações individuais. Portanto, as teias religiosas, místicas, festivas, políticas, as crenças morais, entre outros são construídos e legitimados no embasamento, força e estabilidade que a coletividade pressupõe.

Durkheim refere-se ao coletivo como o espaço da construção dos valores morais, éticos e religiosos. Em sua tese, defende que a sociedade, na tentativa de se manter coesa, precisa preservar os “fíéis” (os indivíduos) em harmonia, que é evidentemente marcada pelo conflito.

Também Georg Simmel (2006), contemporâneo de Durkheim, salienta que a Sociologia enquanto ciência deve ater seus esforços para se pensar na sociedade como lugar do coletivo, e não como a soma de indivíduos fragmentados e isolados. Em sua obra *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade* (2006), Simmel expõe a ideia de indivíduos a partir da interação, em tempos e lugares específicos (Simmel, *apud* Celso Castro).

(...) A sociedade não é uma “coisa” fixada nem acabada, mas um processo, o resultado das interações sociais. A interação pode ser de vários tipos e assumir várias formas, como conflito, cooperação, competição, submissão, etc. (SIMMEL, *apud* Castro. 2006, p. 39).

Deve-se a essa perspectiva a importância de se pensar a obra *Americanah* também à luz de estudos da Sociologia. Entende-se a relevância dos estudos sociológicos na construção do que se considera interação social ou de sociabilidades; sem se desvencilhar da ideia de conflito que surge no contexto em que vive a personagem principal da obra de Chimamanda Ngozi, Ifemelu.

Para Simmel, sociedade não implica ser uma esfera social, unicamente permanente e duradoura. Pensar dessa forma é respaldar-se em argumento autoritário, centralizador e excludente. Ao contrário: a condição de sociedade está também na criação de novas relações coletivas, de novos arranjos com os espaços e com o outro.

É importante ressaltar que Simmel (2006) compreende no indivíduo o sujeito da mudança, da interação social. Os indivíduos como atores sociais têm a finalidade de interferir na sociedade para mudá-la. Sendo assim, o conceito de sociedade também não pode ser estático. Cada sociedade é fruto das relações construídas com a localização geográfica. Então, cada sociedade deriva das relações produzidas no seio da territorialidade, quando esses indivíduos (atores sociais) dialogam entre si, criando vínculos de interdependência e reciprocidade a partir dos contatos interacionais.

Verifica-se na obra que o processo de construção dessas relações de interdependência, de reciprocidade, bem como a ideia de *sociação* calcada nos espaços de conflito, aparece na consumação e execução do blog que a personagem Ifemelu cria, como um espaço onde suas indagações pudessem ser expostas; como uma espécie de diário. A finalidade de um blog, além de estabelecer uma comunicação, divulgar uma marca ou lançar um conteúdo, é também possibilitar a liberdade de expressão na comunicação escrita de uma maneira mais fluida, sem tabus, e, sem necessariamente, se preocupar com o teor do conteúdo – uma vez que esta ferramenta de comunicação parte da vontade pessoal, do desejo ímpar, solitário e exclusivo de um sujeito que se sente apto a compartilhar seus interesses pessoais, que não são tão únicos assim, com um público que partilha das mesmas indagações, ou que é movido pela curiosidade do tema, ou que está ali de passagem a fim de questionar ou até contrariar a abordagem do blogueiro.

A construção e a confirmação do blog se consolidam a partir do pacto entre blogueiro e leitores/participantes. A afirmação do blog se dá a partir de um contrato social entre as partes. O blogueiro, como responsável em trazer o tema, suas experiências e opiniões, precisa compreender que o impacto de seu trabalho ou aceitação deste acontece à medida que o leitor sai de sua zona de conforto – de uma leitura despreocupada e desatenta – e toma o lugar de leitor participante – ou seja, aquele que opina, que dialoga, que interage, que contraria o próprio blogueiro. Isso é possível porque há *sociação* – um conceito da microssociologia de Georg Simmel, – aquela estabelecida nas interações sociais; como os indivíduos se relacionam entre si. Portanto, vale ressaltar que aquilo que Simmel vê como interação social está para além das relações de reciprocidade e cordialidade sociais. Configura-se também como o conjunto de *sociação*, o conflito, os interesses mútuos e a subordinação (dominação). Um não se sobrepõe ao outro, ou simboliza ser mais ou menos legítimo na sociedade. Contrariamente. Todas essas formas de interações sociais são espelhos da realidade construída. Pode-se dizer que há quebra da padronização das relações fixas e estáveis, gerando, assim, possibilidades de contato, harmonia ou conflito.

A obra da professora e pesquisadora Eliana Reis, intitulada *Pós-Colonialismo, Identidade e Mestiçagem Cultural: a literatura de Wole Soyinka* (2011) foi fundamental para a construção da análise de *Americanah*, no sentido de emprestar seus conceitos de *raça* e *identidade* a partir da crítica ao modelo pós-imperialista de países do continente africano, neste caso especificamente da Nigéria, em relação à supremacia dos continentes europeu e americano, – pensando os impactos da globalização e da avalanche dos meios de comunicação e consumo da sociedade estadunidense.

A chamada literatura pós-colonial não consegue, assim, escapar ao neocolonialismo. Como críticas mais recentes têm demonstrado, o prefixo

pós, de pós-colonialismo, não significa o fim do colonialismo, mas a inserção num contexto de internacionalização do mercado – inclusive do mercado de bens culturais. Afinal, depois do processo de globalização iniciado pelo imperialismo, não há como separar a história das antigas metrópoles das histórias dos povos colonizados e nem como manter o antigo conceito de Estado-Nação. O “Sistema Mundo” atual caracteriza-se por fluxos internacionais e transnacionais; a consequência, segundo Octavio Ianni, é que “as nações transformaram-se em espaços, territórios ou elos da sociedade global”. (REIS, 2011. p. 12).

Ao se pensar na obra *Americanah*, é preciso verificar de onde ela vem, com quem ela dialoga e quais as motivações, mesmo que ficcionais, impulsionaram a escrita do jeito que ela foi confeccionada. Respondendo a primeira indagação pode-se dizer que a obra parte do continente africano, a República Federal da Nigéria, ou como é popularmente conhecida Nigéria. O país que está localizado na África Ocidental é conhecido pelos seus grandes e antigos impérios e reinos. Porém, ao ser colonizado pela Inglaterra absorveu de forma nada espontânea e hostil, os valores sociais, morais e econômicos do estado moderno. Isso foi possível, como explica Eliana Reis, devido à associação entre eurocentrismo e o desenvolvimento do capitalismo (2011, p. 22). Desta forma, a ideologia do estado moderno conquistou territórios a mercê do discurso de supremacia britânica que se baseava em três ideais centrais: “a visão transitória e instrumental da racionalidade ocidental; a valorização da história europeia, supostamente a única capaz de produzir ‘o milagre do capitalismo’; e, finalmente, a incapacidade de outros povos de alcançar o desenvolvimento econômico devido a características que lhes seriam inerentes” (2011, p. 23).

A segunda questão é fruto da dinâmica entre povo colonizador e povo colonizado. Ou seja, o percurso da obra se dá no trânsito territorial e simbólico da velha, no sentido de ancestral e tradicional, Nigéria – que resiste dentro da ‘nova’ Nigéria, que se emancipou, em termos, do império britânico, mas que ostenta valores, costumes e práticas liberais e capitalistas, – com a sociedade capitalista e liberal norte-americana do século XXI.

Como outros países do continente, a Nigéria compõe-se de grupos que vivem tanto à maneira tradicional quanto numa espécie de combinação de elementos nativos e cosmopolitas. O contato com a cultura europeia durante o período colonial e a crescente globalização contribuiu para reforçar o caráter híbrido da Nigéria e para criar sujeitos que cada vez mais se afastam da visão simplificadora e homogeneizadora do estereótipo africano. Ou seja, há uma tendência para a predominância das ‘sociedades complexas moderno-contemporâneas’, caracterizadas por um intenso processo de interação entre grupos e segmentos diferenciados. (REIS, 2011, p. 26/27).

Por fim, pode-se dizer que a resposta da terceira questão está relacionada ao conceito de *dissemiNação* de Homi K. Bhabha. Ao partir do pressuposto de que o conceito de nação ou de identidade nacional já não se mantém dentro de uma lógica estrutural de sociedades que vivem na era da globalização e da comunicação digital, cabe uma análise com maior grau de profundidade a respeito das motivações em dialogar com identidades que, a primeira vista, são antagônicas: tem-se Nigéria de um lado, representação do continente africano, da representação do mítico, da relação com

a natureza e com valores coletivos de convivência - uma Nigéria que foi criada como um bloco, sob a tutela dos ingleses, e que incluía em suas fronteiras vários povos sem ligação entre si. Trata-se de um país que não possui uma só cultura; o que existe é a cultura iorubá, a cultura igbo, a cultura haussa dentre outras.

Em um primeiro momento, é compreensível pensar que uma sociedade sobrevive independentemente da outra. Isso configura a ideia de Estado-Nação – a supremacia de um estado no que tange todas as relações e meandros existentes dentro do seu próprio território. Outra característica seria a noção de colonização, no sentido *stricto sensu* da palavra – aquele que usa de sua força e poder para a dominação territorial e cultural das colônias, sem levar em consideração a diversidade cultural do colonizado. Mas, Bhabha vem provocar afirmando que “o sujeito cultural pós-colonial se forma através de relações culturais que o tornam híbrido e o colocam numa posição intermediária” (2011, p.69).

Sobre o conceito de *identidade*, Stuart Hall, pesquisador jamaicano, é considerado um dos maiores teóricos dos estudos culturais. Suas concepções sobre o assunto contribuirão para o desenvolvimento das análises sobre a relevância de se pensar a cultura como fator primordial de mudança, interação e símbolos sociais na sociedade pós-moderna. É importante pensar e construir o pós-moderno em uma dinâmica que permita o trabalho com os antagonismos *tradição X renovação* que muito se vem discutindo nas ciências sociais, além dos incontáveis conflitos culturais que vem modelando a arquitetura social.

O sociólogo parte do pressuposto de que o sujeito do Iluminismo não mais podia ver seu reflexo na sociedade contemporânea. Aquele sujeito do sec. XVIII, centrado em si, dotado de razão e equilíbrio não mais representava a forma como esse sujeito do século XX se enxergava. Esse novo sujeito viu que o equilíbrio não se daria em função de um individualismo desmoderado. Foi necessário construir a ideia de si a partir da forma como o indivíduo se via em relação ao outro. Isso criou uma nova concepção de sujeito.

Cabe afirmar que a modernidade foi o momento que deu origem a esses novos questionamentos existenciais que articularam um tipo específico de sujeito no mundo. Em face desse modelo, o sujeito moderno estaria em constante mudança e rompimento com o que se habituou chamar de mundo tradicional. Aqui se vê a tensão entre *tradição* e *renovação*, na medida em que o espaço do tradicional é objetivado como arcaico – imóvel por um lado –, porém, também sendo visto como o espaço de adoração e perpetuação do passado. Em outras instâncias, a sociedade moderna não dava conta, muito menos respostas às novas questões que estavam sob os holofotes, como as questões de gênero, etnia, raça, sexualidade e nacionalidade.

Sobre o conceito de identidade defendido por Stuart Hall, carece dizer que, neste, as particularidades dos indivíduos são exaltadas na medida em que acontecem conexões com outras particularidades. Em outras palavras, os indivíduos tendem a se agrupar a partir dos sentidos que dão a um determinado símbolo. Assim nasce a ideia de pertencimento.

Certo é que há de se ter cuidado ao tratar dos termos *identidade* e *pertencimento*, pois segundo o próprio Hall,



(...) o próprio conceito com o qual estamos lidando, “identidade”, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova. (HALL, 2005, p. 08).

Verifica-se ainda que o conceito de identidade cultural pode ser analisado sob duas vias conceituais: a *pedagógica* – que traduz essa identidade nos moldes horizontais e homogêneos. Ou seja, uma representação de identidade cultural costurada na tradição e na autoridade –, e a *performativa* que entende a identidade cultural como um caminho de mão dupla. Sua ambivalência está em pensar o tempo e o espaço a partir das margens, dos movimentos que acontecem pelo conflito, pela diferença cultural, pelas representações heterogêneas, ou seja, pela *dissemi-nação*. É o caminho percorrido em *Americanah*.

Pensar, então, a obra *Americanah*, de Chimamanda a partir do conceito de *identidade cultural performativa* é pensar, sobretudo, a personagem Ifemelu como um sujeito híbrido, heterogêneo, multicultural, diverso e transitório. É possível fazer essa relação porque a própria história e as vivências da personagem ao longo de seu fluxo entre Nigéria e Estados Unidos permitem, a partir de seu discurso, caminhar no intercurso que é costurado na obra.

Dike, I mechago?, perguntou Ifemelu. Por favor, não fale igbo com ele, disse tia Uju. Falar duas línguas vai confundi-lo. Como assim, tia? Nós falávamos duas línguas quando éramos crianças. Aqui é a América. É diferente. Ifemelu ficou quieta. (ADICHIE, 2014, p. 120).

Percebe-se nesse trecho, o duplo pertencimento linguístico e identitário. Falar em igbo, que significa cultura e língua, dentre outras faladas na Nigéria, é manter as raízes instaladas em um território simbólico incerto, em trânsito. A confluência dos dois idiomas de forma simultânea parece causar estranhamento e inaceitação por parte da tia de Ifemelu, que, agora que está nos Estados Unidos, quer se tornar uma *americanah*, sem sotaque e sem possibilidade de que a reconheçam imigrante nas ruas. Isso, devido a uma busca de aceitação no mercado de trabalho, que já é excludente pela questão que perpassa gênero e raça, passa a ser também por questões migratórias.

Por outro lado, Ifemelu faz uma provocação ao contestar os moldes culturais em que seu primo tem sido criado. Ifemelu, nesse trecho, infere um maior grau de maturidade acerca de se perceber, – como africana que foi morar na América –, um sujeito transnacional. Para Bhabha, *transnacionalidade* "(...) significa viver 'na fronteira da história e da língua', nos limites da raça e do gênero, ler e escrever na 'dissemiNação transnacional da cultura'". (BHABHA, in *DissemiNation*, 1990). Em outras palavras, na disseminação acontece o processo de *transnacionalidade*; o dentro/fora já não importa. As fronteiras, por sua vez, perdem lugar para o interstício, para o entrelugar - o caminho da interculturalidade. Eliane Reis salienta que "(...) essa posição permite que o escritor africano possa tomar como referência sua própria cultura e, a partir dela, reelaborar materiais de origens diversas". (REIS, 2011, p. 129).

Uma das características desse processo de dissolução da estabilidade cultural e do desmanche dos imperialismos é o pensamento híbrido que, ora se percebe no fluxo natural das relações sociais, com suas interferências culturais cotidianas, dado o contato social; ora perde espaço para o apego às raízes e ao pertencimento à tradição. Tradição e modernidade se encontram a todo instante. Enquanto que na posição de escrita (blogueira), Ifemelu se arma para falar sobre a condição de negra e imigrante em um país altamente preconceituoso e racista, por outro, no dia a dia, ela se vê traduzindo símbolos, imergindo na sua cultura de dentro para fora e comparando com os costumes e regras sociais que lhes são apresentadas no mundo novo (Estados Unidos).

No momento em que a pessoa que está por dentro de uma sociedade afasta-se dela, ela não é apenas alguém de dentro (e vice-versa). A pessoa necessariamente passa a olhar para dentro a partir de fora, ao mesmo tempo em que também olha para fora a partir de dentro. Como o estranho, ela se afasta e registra o que nunca lhe pareceu importante ou necessário registrar quando se portava como alguém de dentro da sociedade. (...) Nem completamente o Mesmo, nem completamente o Outro, ela se coloca naquele indeterminado lugar liminar de onde constantemente perambula para dentro e para fora. (...) Quer ela coloque para fora a parte de dentro ou para dentro a parte de fora, ela é, como os dois lados de uma moeda, a mesma impura e dupla pessoa de dentro/de fora. (REIS apud TRINH, 1991, p. 72/73).

Verifica-se, desta forma, que o dentro/fora de antes fazem parte de um processo conflituoso que permite a troca de interações, o autoconhecimento e a possibilidade de reafirmação das tradições, do pertencimento às raízes ou, em vez de reafirmação, construção de uma identidade nascida da simbiose entre tradição e modernidade – tal construção só é possível no pós-colonialismo; portanto as fronteiras já não importam com tanta força e legitimidade quanto no século passado.

Palavras novas estavam lhe escapulindo da boca. Colunas de névoa se desfaziam. Na Nigéria, ela lavava suas calcinhas e sutiãs todas as noites e pendurava-os num canto discreto do banheiro. Agora que os empilhava numa cesta e os jogava numa máquina de lavar, passara a ver aquilo, o empilhamento de roupas de baixo sujas, como algo normal. (ADICHIE, 2014, p. 150).

E continua:

Falava nas aulas, sustentada pelos livros que lia, animada por poder discordar dos professores e ganhar por isso não uma bronca por não ter respeito, mas um movimento encorajador de cabeça. (ADICHIE, 2014, p. 150).

O viés de identidade que aqui se assume é de uma visão mais crítica, e menos por um nativismo radical. Enquanto esse nega e recusa as influências externas advindas de todos os lados, a construção de um pensamento de identidade crítica vê no dinamismo natural das coisas e no encontro das diferenças culturais uma forma mais sistemática e heterogênea de se pensar as relações. É possível analisar a obra pelo viés da identidade que se constrói por meio do contato e do conflito. Dessa forma, enquanto o duplo pertencimento mostra uma faceta multicultural, com inúmeras viabilidades de

acesso à informação e ao fácil acesso à educação profissional, aos moldes da sociedade capitalista; por outro lado a resignificação de identidade também traz a ideia e a práxis do racismo - um termo antes não conhecido pela personagem Ifemelu.

É possível analisar o aparecimento do racismo na obra *Americanah* não como um processo de superação, mas como um processo de apreensão do que racismo simboliza na sociedade norte-americana. No princípio o que a personagem Ifemelu busca é a inexistência de suas raízes culturais. Quando ela diz que "podia fingir ser outra pessoa" (p. 9/10) na verdade ela ambiciona ser *americanah*; estar em contato com o ocidente no contexto do capitalismo estadunidense sem se preocupar com o que sua comunidade e seus amigos nigerianos iriam pensar sobre seu comportamento. Um comportamento que era endossado por seus pais que diziam a respeito das famílias que podiam custear os estudos de seus filhos nos Estados Unidos ou na Inglaterra: "Pelo menos eles têm a sorte de ter essa opção. (...) Eles são abençoados" (p. 74).

Enquanto Ifemelu tenta começar sua vida em outro país, ser a estrangeira bem sucedida que seus pais sonhavam e esperavam dela, os conflitos ganham forma, como se seu passado e sua história estivessem ali presentes com ela. E estavam. Na cor de sua pele, nos cabelos crespos, na linguagem, no sotaque, nas curvas do seu corpo e principalmente na forma como ela enxergava a si e o outro no trânsito cultural e nas relações de trocas simbólicas. O fragmento abaixo alude ao momento em que a tia Uju, médica recém-formada, sai em busca de emprego:

(...) Vou ter que desfazer minhas tranças para a entrevista e fazer relaxamento no cabelo. Kemi disse que não devo usar tranças na entrevista. Eles acham que você não é profissional se tem o cabelo trançado. (ADICHIE, 2014, p. 130).

Enquanto Obinze, o namorado nigeriano que ficara para trás, dizia: "Eu leio livros americanos porque os Estados Unidos são o futuro" (p. 79), Ifemelu, foi se dando conta, progressiva e paulatinamente, de que o futuro de que tanto haviam lhe falado no noticiário, na escola e nos livros de ficção vinham em uma bagagem densa, onde também carregava preconceitos, segregação e invisibilidade. "Os brancos acham que nós todos somos parecidos" (p. 132). E ao mesmo tempo pensar em raça era entrar em uma discussão que o estadunidense branco de classe média não tinha pretensão. "(...) Por que ela (a atendente de uma loja) não perguntou se tinha sido a negra ou a branca? Ginika riu. Porque aqui é a América. A gente tem que fingir que não nota certas coisas" (p. 138).

Faz-se necessário destacar que 'certas coisas' é o não-nome que se dá à diferença. Por que é tão difícil falar de diversidade? Essa era uma das maiores indagações feitas por Ifemelu, no momento que percebeu que o conflito fazia parte de seu dia a dia. Seu modo de não fechar os olhos para sua identidade em trânsito foi a base da sua escrita – o blog. Esta ferramenta, por conseguinte, criou o efeito *Fênix - a renascida das cinzas*. Da invisibilidade cordial, ou seja, aquela provocada ou acordada por ela mesma, ao posicionamento político, surge um sujeito atento e crítico às questões sociais que afetam seu mundo particular - sua relação com o próprio eu - e seu mundo público - a vida em comunidade.

(...) E você sabia que ‘mestiço’ aqui é uma palavra feia? (...) Isso é mais forte aqui. Você vai ouvir umas merdas dos brancos daqui que eu não ouço. Mas, então, eu estava contando sobre como era lá na Nigéria e sobre como todos os meninos ficavam atrás de mim porque eu era mestiça, e elas disseram que eu estava me insultando. Por isso agora digo que sou birracial e devo me sentir ofendida quando alguém fala em mestiça. (ADICHIE, 2014, p. 135).

A partir do trânsito cultural, Ifemelu reafirma sua cultura e identidade estruturais se valendo ao mesmo tempo da contribuição do hibridismo em sua escrita e na sua vida prática. A nigeriana passa a questionar a ordem e o status quo no qual ela está inserida, além de pensar a geografia excludente, onde os bairros mais próximos de Manhattan simbolizam poder, glamour e status e, aqueles mais próximos do Brooklin solidificam a ideia de bairro pobre, de gente negra, feia, do cabelo ruim e sem cultura. Portanto, o blog *Raceteenth ou Observações diversas sobre negros americanos feitas por uma negra não americana* apresenta de que lugar Ifemelu se posiciona. Blog sobre comportamento era como ela apresentava seu trabalho a desconhecidos – uma maneira de camuflar impressões pessoais que ela tinha sobre o território, sobre a cultura, língua e, de fato, sobre o comportamento social a partir da interação com o outro.

## Considerações Finais

A realização deste trabalho suscitou questões centrais sobre identidade e pertencimento cultural. Para além de levantar a necessidade de se pensar o papel da cultura na construção/reconstrução e afirmação/reafirmação de um sujeito político e social que se utiliza da cultura e dos traços simbólicos para reforçar seus laços afetivos e sua participação social na coletividade, este trabalho buscou analisar como a ideia de identidade cultural e o pertencimento de uma imigrante negra se constrói e se posiciona no *entrelugar*, tendo como viés de temporalidade o pós-colonialismo e a transnacionalização.

Ao se tratar do tema da identidade ficou selado que os grupos sociais são os portadores dessa construção que ora resiste, ora se ressignifica, em um jogo de tradição x renovação que muito se vem discutindo nas ciências sociais, além dos incontáveis conflitos culturais que vem modelando a arquitetura social; além de se pensar que o sentimento de pertencimento é gerado, em grande escala, a partir da relação dos indivíduos com o espaço cultural.

A obra *Americanah* foi analisada neste trabalho sob a ótica cultural e sociológica, no sentido de se pensar as categorias *identidade, cultura, raça, racismo* a partir de uma crítica pós-colonial. Foi necessário verificar os impactos da cultura ocidental e do modelo imperialista da Inglaterra sob a Nigéria, mesmo após sua independência política no ano de 1960, para se pensar de onde a personagem principal da obra, Ifemelu, surge; quais suas raízes e marcas simbólicas. Neste trabalho ficou claro que se os aspectos identitários não definem integralmente o sujeito social, no mínimo abarcam um elevado grau de pertencimento que se tem com a história e com a tradição. Averigue-se, portanto, que a confluência entre culturas, por meio da

hibridização torna possível que os aspectos identitários se reafirmem ou se modifiquem, pelo contato e pelo conflito.

Em tempo, é válido ressaltar que a investigação sobre a legítima presença da cultura nos meandros sociais foi reforçada pelo espectro do conflito. Conflito que aparece sob três nuances: linguístico, cultural, racial. O primeiro mostrou como equilibrar-se entre Nigéria e Estados Unidos por meio da língua (igbo e inglês) não foi tarefa fácil. Ifemelu fez registros claros em seu blog sobre a dificuldade de comunicação e sobre o preconceito linguístico. Mesmo utilizando o inglês em tempo integral nos Estados Unidos, constatou como a presença de seu forte sotaque denunciava os traços imutáveis de uma africana em trânsito. O segundo, o conflito cultural foi investigado a partir dos conceitos de *dissemiNação* e *transnacionalidade*, conceitos responsáveis por contrapor a ideia de identidade nacional imperialista, fechada e estável. Estes sustentaram a reflexão sobre o caráter heterogêneo das nações forjadas a partir das margens, dos movimentos que acontecem pelo conflito, pela diferença cultural, pelas representações heterogêneas. O terceiro e último conflito que emergiu neste trabalho veio pelo viés da raça; calçada na relação de distinção – distinção marcada pela segregação e pela ausência de respeito à diversidade e pela tentativa de extinguir as diferenças raciais por meio da homogeneização cultural. Um exemplo é o preconceito racial atenuante em solo norte-americano que se imprime nas relações de trabalho, sociais, culturais e geográficas (pensando a segregação entre bairros de pobres e negros x bairros da elite branca, com Manhattan e Brooklin).

Em síntese, escrever sobre *Americanah* foi um mergulho que se mostrou urgente pela relevância e pela atualidade dos temas propostos. A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie apresenta grande destaque como uma das mais conceituadas escritoras anglófonas que se propõem a tecer sobre literatura africana. Além do romance em questão também escreveu também *Para educar crianças feministas* (2017), *Sejamos todos feministas* (2014), *Meio Sol Amarelo* (2006) e *Hibisco Roxo* (2003), todos preocupados em estabelecer discussões sobre identidade, empoderamento e segregação.

À vista disso, conclui-se que pensar a obra *Americanah*, de Adichie, sobretudo, pensar quais indagações a personagem Ifemelu provocou, é refletir como uma imigrante negra e africana se transformou, ao longo da trajetória literária, modificando seus símbolos sociais e a maneira de comunicar-se com o outro por meio do trânsito cultural entre duas nações. Ifemelu é a conotação do hibridismo, da heterogeneidade; portanto, do multiculturalismo. É a personificação do sujeito que interage; que sofre influências externas, do mesmo modo que provoca desconforto ao tratar de temas tão caros, relevantes e sensíveis à comunidade internacional, como a própria questão do racismo e da segregação social.

## Referências Bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. Tradução: Julia Romeu. 1ed. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

\_\_\_\_\_. *Sejamos todos feministas*. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

\_\_\_\_\_. *Sejamos todos feministas*. Florianópolis: Caderno de Tradução Ufsc, v. 2, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/21757968.2017v37n2p318>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. Lisboa, Editorial Presença (1ª edição: 1895).

FANON, Frantz. *Black skin, white masks*. Tradução do francês de Charles Lam Markmann. New York: Grove Weidenfeld, 1967.

\_\_\_\_\_. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GOOGLE et al (Comp.). *Nuff Said*. 1968. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=álbum+de+ain't+got+no+I+got+life&oq=álbum+de+ain't+got+no+I+got+life&aqs=chrome..69i57j0l5.22293j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. *Who needs identity?*, in Stuart Hall e Paul du Gay (orgs.), *Questions of Cultural Identity*. Londres: sage, 1996.

REIS, E. *Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural: a literatura de Wole Soyinka*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2011.

SILVA, G. T. C. da., *Grêmio Recreativo Bloco de Samba Os Psicodélicos: tradição e resistência da Furiosa*. Dissertação. Campos dos Goytacazes, RJ, 2017.

SIMMEL, G. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Celso Castro (org.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SOBOTA G. (2014). *'Americanah' é um alívio da ficção contra o racismo*. Disponível em: < <http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,americanah-e-um-alivio-da-ficcao-contr-o-racismo,1559274> >. Acesso em: 29 nov. 2017.

SPIVAK, Gayatri C. *Can the subaltern speak?* In: *Colonial discourse and postcolonial theory: a reader*. Edited and introduced by Patrick Williams and Laura Chrisman. New York: Columbia University Press, 1994. p. 66-111.

YÚDICE, G. *Postmodernity and Transnational Capitalism in Latin America*, 1991.

WOODWARD, Kathryn; HALL, Stuart; SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da(Org.).

Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis:Vozes, 2014. Cap. 1. p. 7-72.